

# FORMAÇÃO DISCENTE NO CONTEXTO DA LEI 5.692/71: NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

Lisimére Cordeiro do Vale Xavier (UFC)  
lisirobert@yahoo.com.br

Antônio Roberto Xavier (UNILAB)  
roberto@unilab.edu.br

Rui Martinho Rodrigues (UFC)  
rui.martinho@terra.com.br

## Resumo

O objetivo principal desta escrita está centrada no pretexto de apresentar uma Narrativa Autobiográfica da Formação Discente de Lisimére Cordeiro do Vale Xavier. Todavia, através do presente relato faz-se um recorte da História e da Memória da Educação Brasileira a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 5.692/71. Nesse cerne coloca-se em evidência a organização do Ensino de Primeiro Grau a partir da organização dos conteúdos em matérias de ensino que se constituíam em um núcleo comum e uma parte diversificada representando a educação geral, a formação especial e a educação técnica profissional. Para tanto, fez-se necessário a realização de pesquisa de documentos oficiais, tipo leis, históricos escolares e certificados que serviram de suporte à bibliografia consultada.

**Palavras-chave:** Formação Discente. Narrativa Autobiográfica. Lei 5.692/71.

## Introdução

O presente artigo apresenta como principal objetivo escrever uma narrativa autobiográfica da trajetória de aprendizagem (formação discente) no nível de ensino de primeiro grau vivida por Lisimére Cordeiro do Vale Xavier no contexto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 5.692/71.

A motivação principal desta escrita foi a realização da Disciplina; Educação, Memória e Narrativas Biográficas no Curso de Doutorado em Educação na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará que tratou da temática em tela.

A escrita autobiográfica neste enredo apresenta um foco narrativo na 3ª pessoa, visto que, a narradora em questão se coloca na posição de observadora, pois, embora tenha vivido e testemunhado os eventos e acontecimentos apresentados defende a ideia de que o fenômeno da onisciência ou mesmo da onipresença não lhe pertence e, se por ventura, estes pudessem lhe visitar durante a escrita deste trabalho, certamente que o tempo vivido, mesmo ainda vívido na memória, não lhe proporcionaria os aportes e atributos necessários a invenção dos

inúmeros fatos e episódios que configuraram a paisagem outrora desenhada, sobretudo, no percurso do espaço-tempo demarcado entre os anos 1973 e 1981, interstício dos governos militares no Brasil.

### **Educação e Ensino Escolar a partir da Lei 5.692/71**

O ensino de 1º (primeiro) grau notadamente, assim como, o ensino de 2º (segundo) grau no, Ceará no Brasil de 1973 à 1995/96 era regido pela Lei 5.692/71. O decreto 7º desta lei estabelecia para o currículo; respectivamente (1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª, 6ª, 7ª e 8ª) séries/anos do primeiro grau; (1ª, 2ª e 3ª) séries/anos do segundo grau, um núcleo comum e uma parte diversificada que representava a educação geral, a formação especial e a educação técnica profissional.

[...] A Lei 5.692/71 fixou as diretrizes de implementação e implantação do ensino de 1º e 2º graus. [...] entende-se por ensino primário a educação correspondente ao ensino de primeiro grau e por ensino médio, o de segundo grau. [...] Art. 4º – Os currículos do ensino de 1º e 2º graus terão um núcleo comum, obrigatório em âmbito nacional, e uma parte diversificada para atender, conforme as necessidades e possibilidades concretas, às peculiaridades locais, aos planos dos estabelecimentos e às diferenças individuais dos alunos. § 1º – A preparação para o trabalho, como elemento de formação integral do aluno, será obrigatória no ensino de 1º e 2º graus e constará dos planos curriculares dos estabelecimentos de ensino. (BRASIL, 1971).

As disciplinas do núcleo comum para o 1º (primeiro) grau da 1ª (primeira) a 4ª (quarta) séries/anos seriam as seguintes: comunicação e expressão ou comunicação em língua portuguesa, integração social ou estudos sociais, iniciação às ciências ou ciências e, matemática (CEARÁ, 1976). As disciplinas da 5ª (quinta) à 8ª (oitava) séries/anos seriam; português, matemática, estudos sociais, história, geografia, ciências, educação artística, programa de saúde, ensino religioso, educação física. As disciplinas que constituíam a parte diversificada eram vistas a partir da 5ª (quinta) série/ano: técnicas agropecuárias, técnicas comerciais, inglês e educação moral e cívica (CEARÁ, 1981). É interessante observar que as disciplinas de técnicas comerciais, inglês, e educação moral e cívica só eram estudadas na (8ª série). A carga horária de ensino de 1ª (primeira) à 4ª (quarta) séries eram constituída de 720 horas aulas em cada série. Já a 5ª (quinta), a 6ª (sexta) e 7ª (sétima) séries/ano tinham individualmente uma carga horária anual de 756 horas aulas. Todavia, a 8ª (oitava) série apresentava uma carga horária anual de 726 horas aulas (CEARÁ, 1976; 1981). Pode-se observar que a partir da 5ª (quinta) série/ano existe um indicativo que na formação

diversificada seria oferecida ao discente uma formação voltada para as peculiaridades regionais e formação técnica profissional, tais como, as técnicas agropecuárias, que pelo menos em tese, incrementaria os componentes curriculares no primeiro grau.

O ano letivo, conforme, a lei 5.692/71 tinha uma duração de 180 dias, porém, o ensino de primeiro grau ficaria caracterizado no cenário nacional e regional pelas muitas atividades extracurriculares consideradas atividades de educação moral e cívica, desportistas e culturais que eram desenvolvidas no contexto escolar envolvendo a comunidade local: diretores, professores, alunos, pais, comerciantes, autoridades políticas e religiosas participavam ou contribuía com as atividades educativas, tipo: desfiles cívicos, festas regionais, maratonas, olimpíadas, atividades ligadas à religiosidade brasileira.

### **Primeira Trajetória de Aprendizagem no Ensino de Primeiro Grau**

Era o ano de 1973. Neste ano ingressava na escola pública formal de ensino de (1º) primeiro grau na (1ª), primeira série/ano “Escola Reunida de Aruaru”, a filha de João Cordeiro da Silva e Maria Nilda Cordeiro do Vale. Filha mais velha do casal que na ocasião tinha 9 (nove) anos de idade, embora, a lei 5.692/71 estabelecesse o ensino de primeiro grau como obrigatório a partir dos 7 (sete) anos. A Escola Reunida da “Vila Aruaru/São João do Aruaru,” pertencia à comarca de ensino da cidade de Morada Nova-Ceará. A mesma funcionava apenas com o curso primário (1º, 2º, 3º e 4º) anos. A respeito das Escolas Reunidas se sabe que,

[...] a influência da reforma paulista sobre a cearense pode ser percebida pela adoção do recenseamento escolar, pela instituição das escolas complementares, pela criação das escolas reunidas, pelo estabelecimento de medidas nacionalizadoras em relação ao ensino particular e, num plano mais restrito ainda, pelo emprego do método da sentença no ensino da leitura ou a adoção do ensino simultâneo da leitura e da escrita. (NAGLE, 1976, p. 194).

A Escola Reunida, hoje, é conhecida como Escola de educação Básica Professora Joana Paula de Moraes, CNPJ: 02.013,445/0001-31 está localizada na avenida presidente Ernesto Geisel s/n, distrito de Aruaru, Morada Nova – Ceará, CEP: 62.951-000. É um estabelecimento público de Ensino Fundamental, com o número de senso Escolar: 23129280, mantido pelo governo Municipal de Morada Nova, localizado com sede na Avenida Manoel

de Castro, Nº 726 – Centro, Morada Nova – Ceará, CEP: 62.940-000, vinculado à Secretaria de Educação Básica do município (MORADA NOVA, 1992).

A aluna, Lisimére Cordeiro do Vale, chegou no primeiro ano do ensino primário conhecendo as primeiras letras, posto que, sua mãe havia lhe colocado para estudar na escola-sala-auxiliar da Senhora Iolanda. Conquanto, nesse período, a Dona Iolanda, como era conhecida, não estava mais ministrando aula, embora a sala de aula funcionasse sob sua responsabilidade, era a professora “Dasdores” quem ministrava as aulas na sala da Iolanda.

O material utilizado pela professora, além do giz e do quadro era a carta de “ABC” e a Tabuada. Todas as crianças tinham sua Carta de ABC e sua Tabuada. Esse material poderia ser encontrado em qualquer “Bodega” da Vila. As crianças mais abastadas também possuíam um caderno de desenho e um caderno de caligrafia. A professora Dasdores utilizava como principal método de ensino no desenvolvimento da leitura e da escrita o método sintético.

O Método Sintético [...] o ensino-aprendizagem se processa por meio de letra por letra ou sílaba por sílaba e palavra por palavra. O Método Sintético também pode ser dividido em Soleturação, Fônico e Silábico. Através do primeiro, os discentes são estimulados a conhecer primeiramente as letras, em seguida aprendem a formar as sílabas, juntando as consoantes com as vogais, a próxima etapa é aprender a formação das palavras para finalmente ser capaz de construir um texto. Pela segunda divisão, o Método Fonético, os discentes aprendem a identificar os sons das letras e unindo o som da consoante com o da vogal então pronunciam a sílaba construída. Pelo Método da silabação o discente primeiro aprende a formação das sílabas e em seguida a formação das palavras. (XAVIER, 2014, p. 268-269).

Com a Senhorita Dasdores as coisas eram muito sérias. Aluna (o) que conversasse em sala de aula e/ou reincidia em não cumprir com os deveres escolares ficava de castigo em cima do caroço de milho. Meire (Lisimére) algumas vezes ficara de castigo no caroço de milho, assim como, outras de suas colegas. A prática pedagógica tradicional behaviorista traduzida por meio do reforço operante negativo, ou seja, a aplicação de castigos severos da professora podia contar com o apoio incondicional dos pais das crianças da Vila, posto que, este seria considerado por muitos naquela época uma eficiente estratégia de modelagem de atitudes e apropriação de conteúdos de ensino-aprendizagem, que previam como resultado um condicionamento e domínio operante positivo no que dizia respeito ao comportamento e apropriação de saberes, pois

Os princípios pedagógicos a partir dos quais esses conteúdos deveriam ser trabalhados pelo professor junto aos alunos integram aquela concepção que a Escola Nova veio, mais tarde, considerar como pedagogia tradicional [...]. A escola elabora um sistema de prêmios e castigos, de sanções apropriadas visando garantir que a

organização pedagógica se funde sempre na autoridade do professor. (SAVIANI, 2011, p. 172).

Foi na primeira série que a Meire, como é conhecida em sua comunidade, conheceu a cartilha “Sonho de Talita”. A Talita era uma menininha que inspirava outras menininhas a se aventurarem pelo mundo do saber. A menina de 9 (nove) anos logo se identificou com Talita. Ficaram amigas íntimas. Tinham muito em comum. O gosto pela leitura viria a ser um dos principais pontos a unir as duas meninas. Muito embora se soubesse que Talita vivia num mundo maravilhoso, colorido, perfeito. A primeira menininha conhecera cedo as dores humanas, visto que, perdera o pai aos 5 (cinco) anos de idade. A tragédia acontecera em frente de sua própria casa. Seu pai, por acidente, foi atropelado por um amigo. A mãe, viúva, mulher forte do sertão nordestino, diante a abrupta realidade precisou assumir a responsabilidade de criar os 4 (quatro) filhos.

O pai havia deixado uma pequena venda. Maria Nilda, como era conhecida sua mãe, periodicamente subia no carro da feira (um pau de arara) que conduzia os feirantes e bodegueiros as compras na capital do estado. Maria, sabendo do entusiasmo de Meire por Talita costumava trazer como presente para a filha revistas em quadrinhos como; Tio Patinhas, Pateta, Mickey. Maria Nilda costumava no final de cada ano letivo apresentar seus filhos; relógios, cordões banhados a ouro, brincos, bicicleta e outros presentes considerados caros para a família. A finalidade era recompensar os filhos pela aprovação para a série/ano subsequente, uma vez que, o índice de reprovação de alunos em idade escolar naquele período era muito alto e nem todos usufruíam do privilégio de frequentar a escola regularmente por inúmeras questões, as quais, não foram possíveis tratar nesse ensaio. Meire, lembra que uma colega foi reprovado na 3ª série 3 vezes. O método da emulação, intuitivamente empreendido por sua mãe, incentiva Meire a estudar e, esta no período primário nunca ficava reprovada. “[...] Emulação – A idéia de dever, a necessidade de aprovação e o sentimento de mérito são desenvolvidos para manter a atividade escolar, e completam, desse modo, o princípio de autoridade.” (SAVIANI, 2011, p.172). Todavia, a Escola Reunida da Vila, como as demais, escolas públicas cearenses seguiam os rituais que supostamente garantiriam a disciplina, o controle e a aprendizagem. Rituais, como: a fila para cantar o Hino Nacional ou ainda o Hino da Bandeira antes de entrar na sala de aula, a fila em sala de aula, a fila para a merenda escolar, a fila do 7 (sete) de setembro, a fila para recepcionar as autoridades; a farda com as cores da bandeira nacional; a resposta imediata ao controle do tempo realizado pelo toque da

sineta que indicava o imediato recolhimento a sala de aula semelhantemente ao recolhimento dos soldados das forças nacionais brasileiras a seus alojamentos. Esse conjunto de regras de comportamento e conduta aconteceriam à semelhança do poder coercitivo e disciplinador das instituições de sequestro apregoado por Foucault (2011), posto que, aconteceriam no contexto de um estado autoritário instalado no Brasil naquele período.

A Escola Reunida e as salas auxiliares seriam o único oásis à vista na pequena Vila, posto que, não havia na “Vila Aruaru” a referência de escola para o rico e escola para o pobre, em razão de que as pessoas com menos condições financeiras, também, costumavam pagar a alfabetização de seus filhos (nas escolas-salas auxiliares particulares) com o que podiam dispor, como por exemplo, o cheiro verde da horta caseira e similares. As escolas em geral funcionavam no turno diurno, posto que, Aruaru, não tinha luz elétrica e quando chegou o motor que abastecia a Vila fechava às 10 horas da noite impreterivelmente. A vida seguia na comunidade. O ensino primário será sempre lembrado. As primeiras professoras de Meire na Escola Reunida: Dona Zizi, Maria Áurea, Suí, Mundira e a Loura. Todas as professoras eram leigas. Somente a Raimunda Nogueira (Loura) tinha o curso normal e posteriormente viria a cursar o curso superior de pedagogia.

Os conteúdos que integravam o ensino primário nesse período eram comunicação e expressão, matemática, integração social e iniciação às ciências. As aulas de comunicação e expressão (Português) imprimiram na garota o gosto pela leitura. As aulas de leitura, momento partilhado por toda a turma eram muito agradáveis e divertidas, Meire nunca se sentiu constrangida nem “sentenciada” pela a obrigatoriedade da leitura em sala de aula ou em qualquer outra ocasião escolar que requeria a prática da expressão e comunicação oral como um dos pressupostos de aprendizagem integrada à comunicação e expressão ou ainda as atividades correlatas. A tabuada que precisava decorar em casa não era devidamente lembrada no momento em que a professora em sala de aula realizava a arguição com a turma. A mestra trabalhava à semelhança do método Lancaster. Meire ficava nervosa e mediante a pressão de passar a lição da tabuada esquecia o que havia decorado em casa. As pancadas de palmatórias seriam sempre certas. Isso mesmo, o ensino e a aprendizagem da matemática em geral ocorriam à base da “decoreba” e da palmatória.

A palmatória é um instrumento de madeira usado na escola antiga para castigar alunos quando da verificação da aprendizagem da tabuada. A palmatória sempre era colocada na frente da sala de aula ao lado do quadro negro (quadro de giz) [...] Tamanho: Comprimento: 25 cm; Largura: 7 cm. (CHAGAS, 2012, p. 13).

Todavia, as aulas de iniciação às ciências lhe trazem as agradáveis lembranças das experiências científicas que lhe foram proporcionadas com o aprender de forma ativa a partir das experiências com a semente de feijão, a agulha sobre a película da água, a queimação do pedaço de papel que provaria o princípio científico do químico francês Antoine Laurent Lavoisier que “Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. Todavia, nesse contexto de ensino e aprendizagem a metodologia predominante empregada pelas professoras no decorrer do ensino primário eram bastante tradicionais. O método da aula expositiva demandava que os alunos ficassem muito atentos as explicações das professoras, conquanto, em determinadas ocasiões e em determinadas matérias de ensino, ou mesmo dependendo da professora (sim, professora, porque no primário da Escola Reunida, só se conheciam professoras, não havia professores) essa metodologia de trabalho poderia acontecer de forma mais prazerosa, de forma mais ativa, ou seja, através do aprender fazendo, experimentando.

### **Segunda Trajetória de Aprendizagem no Ensino de Primeiro Grau**

Sair para estudar fora naquele tempo era privilégio de poucos. A menina não cabia em si de tanta felicidade. Aruaru tinha uma única escola primária oficialmente. Essa referência era singular. Seria uma experiência sempre viva, dinâmica e rica de possibilidades. Conquanto, Meire viria a vivenciar muitas dificuldades. Sabia, porém que precisava enfrentar os desafios e não desistir, pois sua mãe sempre dizia para os filhos: “O que posso deixar para vocês são os estudos”. Não obstante se sabe que,

Para compreender o significado político da educação em nossa sociedade, é preciso, pois, não isolar sua função cultural de sua função social, e não se esquecer, sobretudo, de que a educação prepara o indivíduo para ocupar um lugar na divisão social do trabalho. [...] Aliás, os jovens e seus pais não se enganam quanto a isso. Raros são os pais que atribuem conscientemente objetivos à educação que dão a seus filhos. Eles lhes transmitem espontaneamente modos de vida e modelos culturais aos quais também aderem espontaneamente. [...] Para os pais, o problema da educação de seus filhos é, antes de tudo, o de seu “futuro”, isto é, de sua inserção profissional na sociedade [...]. (CHARLOT, 2013 p. 71).

Meire estudaria um ano na cidade de Pacajus, estudando na 5ª (quinta) série no Centro de Educação Municipal. A 5ª (quinta) série fora feita mediada pelo sistema de tele-ensino, antiga TV educativa do estado do Ceará, que fora utilizada como ferramenta de universalização do ensino de primeiro grau, especificamente a universalização da 5ª a 8ª série.

O tele-ensino seria auxiliado por um ou dois professores que dividiam as disciplinas em blocos justapostos, dividiam também, a responsabilidade de acompanhar presencialmente o ensino e a aprendizagem dos discentes. A nova modalidade de ensino era polêmica e controversa. Os tímidos 20% dos recursos municipais destinados à educação demandavam um ensino e uma aprendizagem resiliente a nível de discente e docente, ou seja, sempre era preciso fazer o máximo com o mínimo.

No ano de 1978, Meire acompanhou o tio e a família que se mudou para a cidade de Fortaleza. Matriculou-se na 6ª (sexta) série na Escola de Ensino de 1º (primeiro) Grau Edith Braga no Bairro da Aerolândia. A professora de português (Dona Nazaré) também, lhe incentivara na leitura. Com 14 anos leu *Vidas Secas* de Graciliano Ramos. Nesse estágio, Meire encantava-se com a leitura de romances facilmente adquiridos nas bancas de revistas (no centro da cidade de Fortaleza) os quais ela conseguia comprar (usados) economizando os poucos recursos que sua mãe lhe destinava periodicamente. Ler Graciliano Ramos aos 14 anos de idade lhe impulsionara a ler Jorge Amado, Machado de Assis, Aluísio Azevedo e outros. A companhia dos livros sempre lhe fora muito agradável no período da adolescência e de certo modo resolveria muitas dificuldades vividas nesse estágio de amadurecimento. No percurso continuado do “primeiro grau” conheceria disciplinas novas como educação artística, programa de saúde, educação moral e cívica, educação física, técnicas agropecuárias, técnicas comerciais, inglês e ensino religioso. Meire, começava a manifestar um espírito rebelde e revolucionário, pois, protestava em assistir as aulas de ensino religioso.

As ideias pedagógicas que predominaram no final do império e que conduziam à proclamação da República também tiveram consequência importante no que se refere ao ensino religioso [...] Mas a concepção que se procurava incutir na população, de modo geral, e, em consequência, as ideias pedagógicas que conformavam as escolas em que se concretizava a então denominada instrução pública continuavam impregnadas da visão católica. Assim, podemos considerar que a hegemonia católica no campo da educação não chegou a ser abalada nem mesmo quando se agudizavam os conflitos entre as elites, bafejadas pelo ideário iluminista [...]. (SAVIANI, 2011, p. 177-178).

No ano de 1979 com o incentivo e o apoio do padrasto vai estudar no Colégio Farias Brito da Rua Senador Pompeu. É reprovada na disciplina de matemática. Volta para o “distrito” de Aruaru (Morada Nova) para repetir a 7ª (sétima) série. Ocorrerá que um ano depois (1978) que Meire saiu de Aruaru o tele-ensino chega nesta localidade para

complementar o ensino de primeiro grau. As novas séries de ensino foram sendo implantadas gradativamente. 1978 (5ª série), 1979 (6ª série), 1980 (7ª série) e 1981 (8ª série).

Entretanto, ao concluir a repetição da 7ª série, em Aruaru, Meire, volta para a cidade de Fortaleza. Por conta da reprovação anterior sofre com a incompreensão dos colegas e na Escola da Vila Aruaru não sente mais a liberdade de outrora, sente-se como um pássaro na gaiola. “A escola não é uma gaiola, é uma cidadela; ela não é feita para aprisionar a criança, mas para protegê-la dos ataques vindos do exterior.” “As escolas são as fortalezas da infância.” Charlot (2013, p. 223). Meire sentia-se num mundo de sombras. De volta à Fortaleza sente-se “remediada, remediada, na terra do sol”, remediada na terra da luz. Matricula-se no “Colégio Pio X”, Obra das Vocações Missionárias Capuchinhas do Ceará. Conta com a generosidade dos dirigentes da escola que lhe concedem bolsa de estudo. Nesta Escola volta a sentir-se feliz. É bem aceita, faz muitos amigos, acompanha as disciplinas sem dificuldades, embora toda 5ª (quinta) feira, dia em que também aconteciam as aulas de religião chegasse sempre atrasada na sala de aula por conta do Show público que ocorria no espaço do Parque da Criança no centro da cidade realizado pela banda cearense “Quinteto Agreste”. A boa música, a literatura e a poesia se tornam fundamentais em sua vida à medida que alegravam sua alma. No ano de 1981, Meire, finalmente conclui o ensino de 1º grau, hoje, conhecido como ensino fundamental.

Certamente que a realização da formação de Lisimére Cordeiro do Vale Xavier (Meire) no ensino de (1º) grau foi muito significativa, pois, esta alimentara fundamentalmente as expectativas de continuar seus estudos no (2º) segundo grau do curso normal que formava para o magistério do ensino de (1º) primeiro e (2º) segundo graus, o que viria acontecer posteriormente.

## **Conclusões**

Considerando-se a narrativa apresentada, um caso individual e singular, pode-se afirmar que existe uma relação desta com o movimento geral da história da educação brasileira no entrecruço da década de 1970 (setenta) e década de 1980 (oitenta). Mas, Não houve pretensão neste trabalho de se fazer uma apresentação linear de fatos e acontecimentos “como se enfileirasse as pedras de um valioso colar”, posto que, cada momento que se vive no percurso de uma vida, e, mais especialmente no percurso da formação de um ser humano seria

considerado por esta narradora um fenômeno ímpar, posto que, o tempo e o espaço vivido por cada formando, em qualquer nível ou modalidade de ensino, mas notadamente, no Ensino Fundamental, se, por boa ventura a esta fosse possível fazer algum tipo de analogia, esta seria: cada formando seria a representação de uma estrela na sua constelação, pois no seu conjunto a parte pode ser melhor interpretada.

Com efeito, tudo que já foi relatado sobre a educação fundamental no contexto vivido pela autobiografada de 1973 à 1981, mesmo, no cerne de uma conjuntura educacional ditatorial, viria constituir na vida de Meire e de muitos de seus contemporâneos “uma arma, como diz a canção”, uma ferramenta, uma possibilidade de rompimento e de construção de um tempo e um espaço marcado pela esperança de dias mais promissores.

Certamente que romantizar o sentido e o vivido não implica necessariamente camuflar ou mesmo maquiar a realidade, sobretudo, é preciso perceber que os sujeitos educacionais no contexto das pluralidades sócio, política e econômica podem caminhar pelo caminho das pedras vislumbrando o caminho das flores. “Isso pra não dizer que **eu** não **falei** das flores”.

## Referências

ANDRADE, Francisco Ari. “Templo de Civilização” no Ceará: a Criação do grupo Escolar em Fortaleza no Começo do Século XX. In: JUNIOR, Raimundo Elmo de Vasconcelos, VASCONCELOS, José Gerardo, SANTANA José Rogério, et. al. Cultura, Educação, Espaço e Tempo. Fortaleza, Edições UFC, 2011, pp. 515-531.

BRASIL, Lei Nº 4.024/61. Brasília, Presidência da República. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/LEIS/L4024.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/LEIS/L4024.htm)>. Acesso em: 10 nov. 2015.

BRASIL. Lei Nº 5.692/71. Brasília, Presidência da República: Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/LEIS/L4024.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/LEIS/L4024.htm)>. Acesso em 04 out. 2015.

CEARÁ. Morada Nova. Escolas Reunidas de Aruaru. Histórico Escolar. Vila Aruaru, 1976.

CHAGAS, Dilson Pontes. Os Primórdios da Educação em Morada Nova. Morada Nova – CE: Gráfica e Editora Jaguar, 2012.

CHARLOT, Bernard. A mistificação pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação. São Paulo: Cortez, 2013.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete. 39. Ed. Petrópoles, RJ: Vozes, 2011.

MORADA NOVA. Histórico da Escola Joana Paula de Moraes: Aruaru, 1992.

NAGLE, Jorge. Educação e sociedade na Primeira República. São Paulo, EPU; Rio de Janeiro, Fundação Nacional de Material Escolar, 1974.

RODRIGUES, Maria Alzenira et. al. (orgs). Movimento Aruaru Independente: Descrição sócio-política, geográfica e econômica de Aruaru. Aruaru, Morada Nova-CE., 2006 (Mimeo).

SAVIANI, Dermeval. História das ideias pedagógicas no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SOUZA, Elizeu Clementino de. BARRETO, Maria Helena Menna. Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

XAVIER, Antônio Roberto. Joana Paula de Moraes: História, Memória e Trajetórias Educativas (1900-1963). Tese. 411 f. (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2014.